

Enfrentar a Memória

Margarida Magalhães Ramalho*

A 27 de janeiro de 1945, tropas soviéticas libertavam Auschwitz. Hoje, quase oitenta anos depois, o mundo, sobretudo o ocidental, ainda é assombrado pela dimensão desta tragédia, pelas razões que a ditaram e pela forma fria e calculada como foi levada a cabo.

Como foi possível acontecer isto num país culto e civilizado como era supostamente a Alemanha? Uma pergunta com inúmeras respostas, mas nenhuma que justifique o injustificável.

Em 2005, a Assembleia Geral das Nações Unidas designou 27 de janeiro como Dia Mundial da Memória do Holocausto. Embora não haja consenso sobre a forma de designar este crime contra Humanidade (também referido como Shoah ou genocídio), os números de vítimas falam por si: 6 milhões de judeus, 10 milhões de soviéticos civis e prisioneiros de guerra, 1,8 milhão de civis polacos não judeus, 300 mil sérvios, 250 mil alemães portadores de doenças físicas ou mentais, 250 mil ciganos, 1900 Testemunhas de Jeová, e um número indeterminado mas na casa de centenas de milhares de católicos, opositores políticos e homossexuais.¹

São estes que relembramos nesse dia, mas também os que sobreviveram. Testemunhas de um horror inimaginável tiveram de enfrentar o mundo e recomeçar a viver carregando dentro de si todo esse horror.

Para alguns, a Arte, serviu para expressar o seu sofrimento. Em 2016, uma exposição no Museu da História da Alemanha em Berlim mostrava, pela primeira vez, fora de Israel, obras produzidas na clandestinidade e/ou no interior dos guetos e dos Campos.²

*Margarida de Magalhães Ramalho, é licenciada em História da Arte e investigadora do HTC (História, Território e Comunidades). Foi professora do Ensino secundário e integrou os quadros da Exposição Mundial de Lisboa onde comissariou várias exposições. Há mais de 20 anos focou-se na posição de Portugal durante a II Guerra Mundial. Nesse âmbito comissariou várias exposições tanto em Portugal como no estrangeiro. É a responsável científica do Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes e de Vilar Formoso Fronteira da Paz, Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes. Publicou vários livros sobre essa temática.

¹ Dados recolhidos no United States Holocaust Memorial Museum.

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/documenting-numbers-of-victims-of-the-holocaust-and-nazi-persecution>

² Foi o caso do médico checo Pavel Fantl e do pintor alemão Felix Nussbaum, ambos assassinados em Auschwitz. Os desenhos do primeiro seriam retirados em segredo do campo e escondidos dentro de um muro. Quanto a Nussbaum, que viveu escondido em Bruxelas até ser denunciado e deportado os seus quadros ficariam esquecidos num sótão quase 30 anos antes de serem descobertos.

Outros, só depois da guerra a usariam para aplacar os seus pesadelos.³

Outros ainda, já mais tarde, libertariam a sua dor. Seria o caso do escultor Shelomo Selinger autor do memorial Kaddish inaugurado, em 2018, no Luxemburgo.

Selinger sobreviveu a nove campos de concentração e duas marchas de morte. Sobre a sua obra diria: «Le kaddish est une prière juive pour les morts, mais dans laquelle il n'y a pas un seul mot sur la mort. Je suis un laïc, un ancien déporté, fils d'un père et d'une mère assassinés par les nazis, tout comme ma petite sœur, toute ma famille et tout mon peuple. Je n'avais jamais fait de prière de kaddish auparavant et, grâce à ces pierres qui m'ont été confiées, j'ai pu graver ma prière de kaddish dans le granit avec un burin et un marteau. Pendant deux ans, j'ai prié, bien que je sois laïc et que je ne croie pas en l'existence de Dieu».⁴

³ Um deles seria o pintor checo Jan Hartman que pouco após a sua libertação em 1945, produziria uma série de obras que reflectiam a sua experiência em Theresienstadt e Auschwitz-Birkeau.

⁴ Semanário *Woxx*, 21 julho 2018. «O Kaddish é uma oração judaica pelos seus mortos, na qual não há uma única palavra relativa à morte. Sou laico, antigo deportado, filho de pai e mãe assassinados pelos nazis, assim como o foi a minha irmãzinha, toda a minha família e todo o meu povo. Nunca tinha feito antes a oração de Kaddish. Graças a estas pedras que me foram confiadas pude gravar no granito, a escopro e martelo, a minha oração de Kaddish. Embora não sendo religioso nem acreditando em Deus, acabei por a rezar ao longo de dois anos»